



Caminhos da Agroecologia: experimentações pedagógicas conversando sobre agrotóxicos

Paths of Agroecology: pedagogical experiments talking about pesticides

ALT, Júlio Picon¹; MÜLLER, Helena de Lima¹; MAIA, Ricardo Eduardo de Freitas^{1,3};
FRIZZO, Rafael^{1,4}; PEREIRA, Viviane Camejo^{1,5}; Alberto Bracagioli^{1,6}

¹Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul ¹mestrando, julio.alt@gmail.com; ²mestranda, helenalmuller@gmail.com; ³doutorando, ricardomaiaufpa@gmail.com; ⁴mestrando, rafaeldaitapeva@gmail.com; ⁵pós-doutoranda e professora colaboradora, vivianecamejop@gmail.com, ⁶professor adjunto da UFRGS, abraçagioli@gmail.com

Eixo temático: Agrotóxicos e Transgênicos

Resumo: Apresentam-se elementos sobre a prática docente proporcionada pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS no Curso Técnico em Agroecologia, na modalidade PROEJA no Instituto Federal da Restinga. A experiência se mostrou uma interessante ferramenta para troca de saberes, proporcionando estudar coletivamente a temática sobre o uso abusivo de agrotóxicos no Brasil. Para isso, o presente resumo pretende compartilhar e refletir sobre essa prática ocorrida entre o período de julho a dezembro de 2018. Ao longo do semestre, observamos a aprofundamento de saberes nessa temática, aumentando a participação da turma conforme o conteúdo foi sendo abordado nas aulas práticas e expositivas.

Palavras-Chave: Prática de ensino; educação popular; Restinga.

Keywords: Teaching practice; popular education; Restinga.

CONTEXTO DAS AÇÕES - horizonte docente

Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.
Paulo Freire

O presente escrito refere-se ao estágio docente possibilitado através do termo de cooperação entre o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS em parceria com o Instituto Federal da Restinga. Ofertado aos discentes do PGDR pela disciplina *Desenvolvimento e Segurança Alimentar e Nutricional no rural: prática de ensino integrada à extensão e pesquisa*, no qual participamos em 2018.

No primeiro semestre, houve a aproximação do grupo de professores estagiários às práticas pedagógicas e didáticas, elaborou-se o plano de ensino para as disciplinas *Introdução à Agroecologia em Territórios Rurais e Urbano* e *Vivências e Práticas em Agroecologia I* escolhidas pelo grupo¹ do qual os autores do presente artigo fizeram parte. Tais disciplinas pertencem ao currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA),

¹ Grupo composto pelos mestrandos Helena Müller, Júlio Alt, Rafael Frizzo e pelo doutorando Ricardo Maia, orientados pelos professores Dr. Alberto Bracagioli e Dra. Viviane Camejo do PGDR/UFRGS e supervisionados no IFRS pelos professores Andreia Meinerz e Jovani Zalameña.



através do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Restinga.

Os planos de ensino foram estruturados por eixos temáticos. Na disciplina de *Introdução à Agroecologia* abordou-se quatro eixos: i) Introdução e contextualização; ii) Princípios da agroecologia; iii) Transição Agroecológica; iv) Povos, comunidades e SAN no campo e na cidade. Já na de *Vivências e Práticas*, elencou-se três eixos: i) Introdução e discussão de temas; ii) Técnicas e práticas agroecológicas; iii) Debates temáticos.

As aulas foram ministradas semanalmente durante o segundo semestre de 2018 O método de ensino adotado foi de inspiração freiriana, com aulas expositivas dialogadas, reconhecimento e valorização dos saberes prévios das/os educandas/os. No que diz respeito à disposição espacial em sala de aula, organizava-se majoritariamente em círculo, o que possibilita melhor interação e desafia a concepção de “educação bancária”, denunciada por Paulo Freire (2015) na obra *Pedagogia do Oprimido*.

Diferentes métodos de ensino-aprendizado foram utilizadas, visando um aprendizado interativo e o protagonismo das/dos estudantes do Proeja. Ações pedagógicas diversas, como a construção de uma linha do tempo sobre o Bairro Restinga, rodas de conversa com convidados/as e saídas de campo, proporcionaram experienciar a prática da agroecologia para além das quatro paredes da sala de aula, despertando e reconhecendo saberes de todos e todas.

Outras ações pedagógicas foram utilizadas, visando novas práticas de ensino-aprendizado. Desde a construção coletiva, protagonizada por estudante do Proeja, de uma linha do tempo sobre a Restinga, como rodas de conversas com convidados/as e saídas de campo, que proporcionaram vivenciar a prática da agroecologia para além dos muros da escola.

O tema “Agrotóxicos” a ser debatido neste resumo expandido, embora faça parte do eixo *Debates Temáticos* da disciplina *Vivências e Práticas em Agroecologia I*, foi transversal em todos os eixos. Trataremos desse assunto por perceber seu surgimento no primeiro dia de aula e no decorrer do semestre, reconhecendo sua relevância, transversalidade e sua presença na mesa do povo brasileiro.

DETALHAMENTOS DAS ATIVIDADES - tema em discussão

Já na aula inaugural das disciplinas, fizemos uma leitura coletiva e reflexiva sobre texto de Giddens (2005), que nos convoca a pensar sobre o simples ato de tomar uma xícara de café, elemento do cotidiano para boa parte da sociedade. Após a leitura, debateu-se sobre provocações trazidas a partir do texto. Como era o primeiro momento em que todos e todas se conheciam, o debate não fluiu de forma natural ou descontraída. No entanto, a partir de reflexões que surgiram dos educandos como,



por exemplo, de que “até o nosso café tem agrotóxico”, pudemos entender com o tempo, ou somente agora, o aprendizado semanal ao longo dos meses seguintes.

Para iniciar as temáticas de introdução à agroecologia, fez-se necessário instigar reflexões acerca do território Restinga, que contribuíram para aproximação dos sujeitos e problematização do consumo alimentar nosso de cada dia. Assim sendo, para entender um pouco sobre formação e miscigenação brasileira, e a fim de aprofundar a reflexão das nossas práticas diversificadas de cultura e pensamento, utilizou-se de Darcy Ribeiro. As origens e cores de pele dos/das discentes parecia representar muito bem essa diversidade. Em suas falas, se autoidentificavam com parentesco africano, europeu e indígena, já tangenciando discussões sobre alimentação e agricultura. Como continuidade à discussão, na mesma semana elaborou-se uma linha do tempo da Restinga. Alguns discentes, as/os mais velhas/os, se consideram fundadoras/es do Bairro; outras/os contaram como, porque e quando seus pais foram para lá; haviam também filhos e filhas da *Tinga*, já nascidos na comunidade.

O Bairro da Restinga guarda uma história de exclusão e resistência. O Bairro originou-se a partir da metade do século XX, devido à remoção de diversas vilas e quilombos localizadas na região central de Porto Alegre, conceito hoje consensuado como gentrificação ou higienização social (PRESTES, 2018). A resistência caracteriza-se justamente em decorrência dessa realidade, dado que houve diversas conquistas a partir do que podemos chamar de governança territorial (CANÇADO; TAVARES; DALLABRIDA, 2013). Diversos são os exemplos, no decorrer da historicidade do Bairro, e em muitas searas, como saúde, saneamento, moradia e educação, sendo o próprio IFRS *Campus Restinga* resultado de demanda e pressão popular. Depreendeu-se a noção de comunidade no bairro, representada na turma, a partir da sua sensibilidade e, simultaneamente, extremamente forte.

Tal população, como evidencia Maluf (2007), mesmo sendo a que, proporcionalmente, mais gasta seus proventos para garantir alimentação para suas famílias, é ainda direcionada pela lógica da alimentação “mais em conta”, ou seja, muitas vezes, escolhe por falta de recursos os produtos mais baratos oferecidos pelo mercado convencional. Portanto, pensar os benefícios, as contradições e os malefícios dos agrotóxicos, na agricultura e na mesa de cada um tornou-se uma tarefa relevante e indispensável.

Convidadas/os externos somaram-se na promoção de rodas de conversas e trocas de saberes que corroboraram ao debate sobre o uso abusivo de agrotóxicos. A cientista social e doutoranda em Antropologia Tatiana Motta, trouxe a questão da alimentação saudável e seus desdobramentos como central. Já a professora Viviane Camejo trouxe a importância da conservação das sementes crioulas e biodiversos e a importância da criação dos bancos de sementes. Já a cientista social e mestranda em Desenvolvimento Rural Renata Tomaz focou no debate e importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), ministrando oficina prática de coleta de plantas e de receitas. Por último, contamos com o engenheiro agrônomo e mestrando em Desenvolvimento Rural Tiago Fedrizzi para tratar de agricultura biodinâmica, teoria



e prática resultando em preparado biodinâmico que os/as discentes puderam aplicar nos espaços de cultivo do campus e também levar às suas casas.

A primeira saída de campo ocorreu na área utilizada pelo grupo Uma Visão Agronômica com Ideal Agroecológico (UVAIA), situada na Faculdade de Agronomia da UFRGS. Lá nos aproximamos de plantas frutíferas nativas, PANC, e um sistema agroflorestal (SAF) do campus do Vale. Foi contado o histórico do local e das pessoas que o construíram, que em muito se assemelhavam ao ambiente físico em que pretende implantar um SAF, ao fundo do pátio do IFRS. Ali foi percebido pela turma que aquela realidade era possível, a partir de mutirões, com a presença dos discentes e docentes, e com a intensificação do plantio de árvores nativas e hortas orgânicas na área do Instituto.

Outra ação de suma importância foi a articulação, pelos coordenadores do Curso Técnico em Agroecologia, Andreia Meinerz e Jovani Zalamena, que resultou na implementação da *feira de produtos orgânicos* semanal no IFRS. Integrada por agricultoras/es oriundos da reforma agrária, que possibilitou, além do alimento saudável a preço acessível, troca de conhecimento e de técnicas de plantio entre os plantadoras/es camponesas/es e urbanas/os. À sua inauguração, somou-se uma aula aberta promovida pelo curso de agroecologia, com a participação de convidados de instituições como o Incra, Emater, Mapa, associações ecológicas, movimentos camponeses, para falarem desde a conquista do curso no IFRS na Restinga, até a importância das sementes sem veneno.

Logo após o resultado das eleições presidenciais, já nos últimos eixos de ambas as disciplinas do curso, como forma de culminar as experiências e aprendizagens envolvidos nas disciplinas, coube aos mestrandos Júlio e Rafael abordarem com a turma a temática dos agrotóxicos. Dado o período de acirramento de opiniões ponderou-se instigar o debate através do uso de dois instrumentos político-pedagógicos: Filme do cineasta Silvio Tendler (2011) e cartilha *O bom uso da terra*, produzida pela Rede Nacional das/os Advogadas/os Populares (Renap/RS) em 2017. A fim de aproveitar as discussões possíveis que poderiam emergir, dividiu-se o filme em três partes: i) contexto da produção agrícola na revolução verde, das empresas multinacionais de agroquímicos (pós-segunda guerra, Vietnã); ii) contaminação do solo, consumidores e agricultores, junto com orientações nutricionais, de saúde e da Anvisa. III) Lobby das empresas, lógica de mercado/pacote de veneno e apontamentos de outros caminhos. Junto aos debates e reflexões, intercalou-se a leitura coletiva da cartilha, abordando casos de uso abusivo de agrotóxicos, onde cada discente ganhou um exemplar.

Na segunda saída de campo, visitou-se a unidade de conservação (UC) da *Área de Proteção Ambiental Banhado Grande* bem como a UC de *proteção integral Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos*, e a unidade de *uso sustentável* destinada ao uso dos assentados da reforma agrária. O Assentamento visitado que completara 20 anos é considerado um dos maiores produtores de arroz orgânico do continente. Foram realizados diálogos e a escuta atenta sobre as conquistas dessa forma de produção, sobre os conhecimentos sobre adubação, o respeito à água e a natureza,



assim como sobre as dinâmicas de organização coletiva no Assentamento (MENEGON; FAGUNDES; RIBEIRO, 2019).

Recepcionados e acolhidos por agricultores/as feirantes, os discentes tiveram a oportunidade de conhecer seus lotes e suas casas. O encontro demonstrou os caminhos da fertilidade dos alimentos orgânicos, sem o uso de agrotóxicos, e suas possibilidades de mercado e opções de vida. Como contrapartida, os integrantes dos IFRS elaboraram² a *feira da consciência agroecológica*, do qual tivemos desde apresentações expositivas sobre orgânicos e conscientização ecológica, até intervenções com doação de mudas, construção de horta mandala, amostra de alimentos produzidos com Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), a atividade foi feita no mesmo dia da feira de produtos orgânicos do Instituto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - Caminhos

A utilização de métodos pedagógicos variados, combinando oficinas, convidadas/os, rodas de conversa e saídas de campo, possibilitou aos aprendentes vivenciar a realidade abordada durante o semestre. Mostrou-nos que a lógica da “educação bancária” não seria, e não é, o melhor método para alcançar os resultados almejados sob a perspectiva agroecológica. Assim, a agroecologia foi se (re)significando, tomando corpo, conclusões e mentes no decorrer do semestre.

Superar o método educacional “tradicional”, onde o fator humano presente na relação educando-educador é valorizado, pensar o Proeja em Agroecologia no IFRS, bairro Restinga, é em si o “inédito viável” almejado (FREIRE, 2015). As vivências oportunizadas nesse estágio, experienciadas em mistas metodologias de forma horizontal e aberta, nos aproximou do que defendia Freire (1985), sobre a necessidade da ação educadora alinhada a prática de comunicação, no *estar com* as/os aprendentes, conscientes da sua “realidade histórica”. Como dissertam os educandos: De fato, “até o nosso café tem agrotóxico”!

Referências

CANÇADO, A. C., TAVARES, B., DALLABRIDA, V. R. Gestão Social e Governança Territorial: interseções e especificidades teórico-práticas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 9, n. 3, p. 313-353, set-dez/2013.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 59. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e

² A construção da atividade contou com reflexão prévia a partir da realização de oficina com o uso da metodologia *filosofia dialógica* oportunizada através da disciplina *Da difusão à participação - Construção do conhecimento e métodos participativos*, ministrada pelo professor Alberto Bracagioli Neto do PGDR, com a colaboração dos seguintes mestrandos/os e doutorandos/os do Programa: Ana Tércia; Ana Vitorina; Andrey Henrique, Amalia Aguiar; Cristhian Hernandez; José Valencia; Mohomede Saide; Tiago Fedrizzi.



Terra, 2015.

GIDDENS, A. **Sociologia**, 4ª ED, Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 24-25

MALUF, R. **Segurança alimentar e nutricional**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

MENEGON, L.L., FAGUNDES, L., RIBEIRO, O. Produção de Arroz Agroecológico em Assentamentos de Reforma Agrária no Entorno de Porto Alegre. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 4, n. 1. 2009. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/4678>>. Acesso em: 24 sep. 2019.

O VENENO está na mesa. Silvio Tendler. Rio de Janeiro: **Caliban Produções Cinematográficas** ; EPSJV Fiocruz, 2014, 1 vídeo, MPEG-4, (70min01s).

PRESTES, N. Vilas de malocas e Bairro Restinga: A versão dos removidos sobre o plano de confinamento em vila de transição - Eugenia na Porto Alegre de 1967-1970. In: Encontro Estadual de História Associação Nacional de História. **Democracia, liberdade e utopias**. Porto Alegre: ANPUH-RS, v. 1. p. 01-16. 2018.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RISSI, E.; MEDEIROS, R.; ALT, J.. **O bom uso da terra**: E os males do agrotóxico no Brasil. 2017. Disponível em: <https://issuu.com/acessocidadaniadh/docs/cartilha_agrotoxicos_1>. Acesso em: 16 jul. 2018.